



Maria Zilda Ferreira Cury

HORIZONTES MODERNISTAS

09

O jovem Drummond e
seu grupo em papel jornal


Autentica

Maria Zilda Ferreira Cury



HORIZONTES MODERNISTAS

O jovem Drummond e
seu grupo em papel jornal

0701084902



Belo Horizonte
1998

84902

Copyright © 1998 by Maria Zilda Ferreira Cury

Capa:

Cristiane Linhares

(Sobre imagem de fotógrafo anônimo retirada do livro
Drummond Frente e Verso. Edições Alumbramento, 1989)

Coordenação:

Rejane Dias

Revisão:

Rosa Maria Drummond Costa

C975h

Cury, Maria Zilda Ferreira.

Horizontes modernistas : o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal / Maria Zilda Ferreira Cury . — Belo Horizonte : Autêntica, 1998 .

240p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 85-86583-10-3

Inclui bibliografia.

1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987. 2. Diário de Minas (Jornal). 3. Modernismo (Literatura) — Belo Horizonte (MG) . 4. Belo Horizonte (MG) — Vida intelectual. I. Título.

CDD—B869.09

Catálogo na fonte do
Departamento Nacional do Livro

1998

*Todos os direitos desta edição reservados à
Autêntica Editora*

Rua Tabelião Ferreira de Carvalho, 584

31170-180 - Belo Horizonte - MG

PABX: (031) 481 4860

Home page: www.prover.com.br/autentica

e-mail: autentica@prover.com.br

Conversando com Drummond

11 de outubro de 1985

Em outubro de 1985, para efeito da tese, realizei o que considero a grande glória de minha vida acadêmica: uma longa entrevista com Carlos Drummond de Andrade, uma das últimas que concedeu. O poeta, que sempre fora avesso a falar de si, depois que completou oitenta anos, abriu-se um pouco mais, concordando em falar de sua vida e de sua poesia em depoimentos para jornalistas e pesquisadores. Como já disse, em grande parte, a escolha do *Diário de Minas* como fonte primária, para a elaboração de meu trabalho, já fora motivada pela “notícia” de que o jornal abrigava produção drummondiana. Assim, seu depoimento era particularmente importante: como subsídio para informações sobre a época e sobre seu grupo — com um caráter, então, até documental — e como fonte em si mesmo, ou seja, o depoimento, como toda fonte, tem um caráter meio híbrido: se é documento, simultaneamente tem autonomia textual e revela, por isso, as marcas de um sujeito escritural.

Perguntado sobre a produção dos modernistas belo-horizontinos nos primeiros anos da década de 20, Drummond ficou muito incomodado ao saber que eu já havia rastreado todos os números de cinco anos (1920-1925) do jornal *Diário de Minas*, e feito um levantamento minucioso da publicação de seus poemas e críticas. A maioria dessas publicações permanece até hoje inédita em livro. Registre-se que por ocasião da reimpressão de *A Revista*, feita sob o patrocínio da Metal Leve, Drummond negara-se a ceder os exemplares do periódico, alegando tratar-se de produção de adolescentes, sem qualquer importância. Ora, o levantamento que fiz para a tese abrangeu período anterior à publicação de *A Revista*, com textos “bem mais adolescentes”, portanto. Mas isso

não impediu que o escritor discorresse longamente sobre sua atividade de poeta e crítico naquele momento, recuperando muito do sentido do trabalho grupal dos escritores que com ele conviveram (“Nós éramos muito cordiais, muito camaradas, ninguém queria saber de ser chefe dos outros, nem de ser chefiado”), lançando luzes sobre a gênese de sua produção (“Então, eu saía do hotel e passava lá embaixo, via aquele jornal — porque o jornal sempre me fascinou”), esclarecendo pontos obscuros da pesquisa efetuada, fazendo confidências. “Não volto para Itabira ou para Belo Horizonte. Para quê? Está tudo mudado. Colocaram tudo abaixo, destruíram nossas lembranças.”

E eu, professora que teorizava em sala sobre a “morte do autor”, tentando desmitificar a aura com que envolvemos nossos escritores, saí da entrevista em “estado de graça”, emocionada por ter podido fazê-la, envaidecida por poder incorporá-la à minha tese.

Aqui, ela foi transcrita na íntegra, conforme pode ser ouvida nas fitas do gravador. Optei por manter as repetições, os coloquialismos, as hesitações, embora Drummond me tivesse recomendado a “limpeza” da linguagem para posterior aproveitamento na tese.

Várias vezes o poeta se emocionou enquanto conversava comigo: ao lembrar os amigos, de Itabira e do filho nascido morto. Mas, sobretudo, no final da entrevista, falou sobre a morte, manifestando preocupação sobre o modo de enfrentá-la, confessando a convivência diária com a idéia de morrer. Lembrei-me, então, do bilhete que me mandara marcando o encontro onde perguntava (a mim? a si próprio?) se era lícito a um octogenário fazer programa para o dia seguinte.

Lembro-me da tristeza que senti ao receber a notícia de sua morte. Não sei em que revista li que morrera de amor, não querendo deixar que a filha se fosse sozinha. Tristeza contraditória, no entanto. Drummond morreu no dia em que nasceu meu filho caçula, vida tão esperada, e que — como toda vida — é recomeço, é promessa, é esperança.

Amanhã recomeço. Assim nos fala o poeta sobre o poema — elefante de paina, sem lugar no mundo —, adiando sempre para o dia seguinte seu texto definitivo, que não se conclui nunca enquanto leitores amorosos continuarem conversando com ele.

A entrevista

CDA É uma tese que você está fazendo? Sobre?

MZ *Eu trabalhei justamente parte de preparação, a caminho do Modernismo mineiro. "A Revista" é um marco já de explicitação do grupo... Então eu peguei a produção anterior que levaria ao Modernismo. Trabalhei com o "Diário de Minas".*

CDA Conseguiu a coleção?

MZ *Consegui, no Arquivo de Belo Horizonte.*

CDA Completa?

MZ *Fiz o levantamento justamente de 20 a 25. Completa.*

CDA Porque aqui na Biblioteca Nacional é muito pequena a coleção.

MZ *Fiz um levantamento exaustivo mesmo do jornal e da produção dos modernistas em particular. Um trabalho interessante de formiguinha mesmo, que a gente vai construindo através do panorama do jornal. É um jornal muito citado pelo grupo todo.*

CDA Não era muito importante, não. Até graficamente muito pobre.

MZ *É, não permitia grandes arroubos, não.*

CDA A imprensa em Minas era muito atrasada naquela ocasião.

MZ *Agora, de fato, foi um jornal onde o grupo se manifestou mesmo, não é?*

CDA ... Nós fizemos o que era possível lá, porque não havia muito estímulo, pelo contrário, o ambiente geral era hostil, não havia boa vontade e é natural, porque, tudo que constitui inovação, desejo de modificação das estruturas, provoca uma reação, não é? Então, nós éramos sobretudo muito ridicularizados; as pessoas não nos levavam a sério e criticavam o mais que podiam. Mas, nós tínhamos muitas vezes cara de pau, nós não ligávamos muito... Então, por exemplo, uma das pessoas de Belo Horizonte, da maior importância intelectual, não nos levava a sério, que era o Eduardo Frieiro. Conheceu o Eduardo Frieiro na Faculdade?

MZ Não.

CDA Não foi aluna dele não?

MZ Não.

CDA Eduardo Frieiro era um autodidata, começou como tipógrafo da Imprensa Oficial e depois foi se aprimorando, e chegou a ser um crítico literário muito bom. Um homem de conhecimentos, de uma cultura geral muito boa, tanto assim que ele acabou como professor universitário, de língua espanhola, língua e literatura espanhola. Mas ele não nos levava a sério, absolutamente, nós fizemos um número d'*A Revista* e ele fez um jornalzinho, em Belo Horizonte, ainda mais modesto do que o *Diário de Minas*, chamado *Avante*, uma crítica ao nosso trabalho dando o título de "Brotoeja Literária". Aquilo eu confesso, aquilo nos doeu um pouco, porque quem atacava não era uma pessoa vulgar, era uma pessoa pela qual a gente tinha uma certa consideração, respeitava. Mas ao mesmo tempo serviu de estímulo, não é?

MZ *Vai incomodando...*

CDA Sabe como é? Às vezes o sujeito é provocado e reage de uma maneira construtiva. Chamou-nos atenção para as nossas fraquezas e ao mesmo tempo nos estimulou para fazer alguma coisa mais. Agora, o que caracterizava o grupo modernista de Belo Horizonte, sobretudo, eu acho, era uma certa despreocupação, a gente não tinha muita consciência do que nós estávamos fazendo. Fazia-se porque era uma espécie de expansão natural da mocidade. Nós não estávamos satisfeitos com o que havia lá. Não só em Minas como no Brasil, a literatura tinha sofrido um certo declínio. E pegando os livros publicados em 1920, 21 e 22, verificamos que não havia nada de novo, realmente, no Brasil. Por exemplo, na poesia, eu acho isso muito mais significativo. Os grandes poetas brasileiros da geração parnasiana praticamente tinham acabado. Olavo Bilac morreu em 1918, dezembro de 1918. O Raimundo Corrêa já tinha morrido em 1911, restava só o Alberto de Oliveira que eu cheguei a conhecer pessoalmente. Mas o Alberto já não era um poeta que despertava muita emoção, era um poeta

mais equilibrado e, sobretudo, mais castiço, mais parnasiano. A produção dele, nessa época, já não era de maior importância, de maior categoria. Então, realmente, é como se diz: estava vaga a chefia ou a direção da poesia brasileira. Quando o eixo então se deslocou para São Paulo com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Sérgio Miliet, eles passaram a ocupar para os moços um lugar que estava vazio. Daí, mesmo nos guiando pelo Rio de Janeiro onde havia Graça Aranha que chegou da Europa e não tinha muito vínculo com a mocidade nós nos sentimos como que atraídos para o grupo paulista. Esta união foi muito boa para nós porque tivemos a sorte de nos aproximar de Mário de Andrade, que era realmente uma figura excepcional sob todos os aspectos. Não há dúvida: foi a grande figura do Modernismo brasileiro. Não só ele procurava inovar, como também tinha interesse em aprofundar o conhecimento da matéria literária, da estética literária. Então, a conversa com o Mário de Andrade era muito produtiva. Com o Oswald de Andrade a conversa era divertida. Ele contava piadas, fazia blagues e muita ironia. A gente morria de rir com as besteiras do Oswald. O Mário era também divertido e alegre, mas era sério. Tinha alguma coisa para nos dizer e, na realidade, ele mesmo acabou confessando, numa das cartas que o Prudente de Moraes está publicando; “no fundo eu sou é professor”. Aí está a grandeza do Mário, compreendeu? Porque ele era um espírito criativo e ao mesmo tempo um espírito normativo. Ele orientava, ele discutia... Não impunha os seus pontos de vista, mas debatia com você, ele provocava você a reagir contra os argumentos dele, despertava em você um espírito crítico. Isso era muito bom e foi muito bom...

MZ *E como foi a sua entrada no “Diário de Minas”? Porque a gente pensa assim: vindo do interior, muito jovem, como é que conseguiu?... A gente percebe pelas notícias que a sua estratégia já ocorreu com uma certa expectativa. É comentada a sua estréia no “Diário de Minas”.*

CDA *Eu entrei muito devagarinho no Diário de Minas. Degrau por degrau. Pelo seguinte, eu namorava o Diário de Minas. Era rapazola que tinha vontade de escrever, de publicar, de*

modo que meu pai morava num hotel que havia na Praça da Estação, não sei o que será aquilo hoje, chamava-se Hotel Internacional. Era um hotel muito grande, muito comprido, ficava na esquina da rua dos Caetés com a Praça da estação. Não sei o que será aquilo hoje... Era um hotel muito grande. No andar térreo tinha barbearia, um bar e tinha a redação de um jornaleco, chamado *Jornal de Minas*. Era um jornal mais de "cavação", sabe? Modesto, como o *Diário de Minas*, de quatro páginas, mas sem a importância política do *Diário*. E na parede desse jornal tinha um quadro com as primeiras páginas. Então, eu saía do hotel e passava lá embaixo, via aquele jornal — porque o jornal sempre me fascinou muito. Desde garotinho eu gostava de ler jornal, eu via aquilo e, então, um dia eu calcei a cara e apareci lá dentro, e levei umas tiras para o redator do jornal. Naquele tempo, a gente não chamava lauda, não. Não sei se você sabe, eram meias folhas de papel cortadas ao meio assim. Eram compridas, chamavam-se tiras, eram tiras. Então levei-as manuscritas, ninguém escrevia à máquina, era tudo muito pobre, muito primitivo. O palhaço do diretor, cujo prazer era fazer tudo com o mínimo de despesa, achou que podia aproveitar as minhas coisas, porque ele não pagava nada. Então começou a publicar as minhas coisas, uma crítica que eu fiz de um filme "Diana, a Caçadora", uns comentários sobre umas bobagens. Coisa de rapazinho. De modo que eu comecei a me interessar por aquilo, e cheguei até já com uma espécie assim de começo de tentativa de profissionalização. Perguntei a ele se não podia me remunerar. Disse-me que sim, que podia pagar qualquer coisa... Mas pagou uma insignificância. Então eu achei, assim, já muito pretensioso, achei que não devia continuar lá e saí. E procurei o *Diário de Minas* porque era uma ambição maior, porque era um jornal maior, um jornal do PRM (Partido Republicano Mineiro), que era o partido da situação. Subi as escadas do velho jornal. Lá eu procurei o Dr. Osvaldo Araújo. Você o conheceu?

MZ Não. Eu o conheço pelo jornal somente.

CDA Deixei lá algumas coisas para ele, muito encabulado. Entreguei aquele papel e saí correndo. Não conhecia a ninguém. Fazia

aquilo com a cara e a coragem. E qual não é a minha surpresa quando dois dias depois sai a minha colaboraçãozinha, no alto, e se não me engano com grifo, com a notinha do Osvaldo Araújo: “fulano de tal, jovem esperançoso...” E começou a publicar. Eu me recordo que, numa dessas publicações, eu não tive coragem de assinar meu nome, ou antes, não teria sido por isso não, mas levado, talvez, por um certo espírito lúdico de brincadeira. Eu me assinei Manoel Fernandes da Rocha. Achou isso lá?

MZ *Achei.*

CDA Você tinha identificado?

MZ *Tinha identificado, através do livro de...*

CDA Via Fernando Py.

MZ *Via Fernando Py. Só um dos artigos que ele cita, o primeiro, eu não consegui localizar na data em que ele marca, os outros todos eu localizei.*

CDA Eu procurei um nome bem banal, assim como se fosse um comerciante de ferragens, de secos e molhados, uma coisa típica de Belo Horizonte, naquele tempo. Para me divertir, continuei a colaborar. Aí, então, era o diretor do jornal o Osvaldo de Araújo e era o redator-secretário o Francisco Negrão de Lima, que foi depois prefeito do Rio, Ministro da Justiça. O Chico Negrão, como nós o chamávamos. Eu me lembro que, quando eu levei lá um artigo sobre a morte do Anatole France, um artigo, aliás, muito idiota, pretensioso, o Chico Negrão ficou escandalizado. Ele não queria publicar, não, achando que era um desrespeito à memória do falecido. Mas o Osvaldo publicou. Daí artigos maiores, comecei a ser uma pessoa que tinha assim o privilégio de escrever no *Diário de Minas*, onde colaborava, pouco antes, o velho poeta Alphonsus de Guimaraens.

MZ *Com pseudônimo também, não é?*

CDA Exato: Guy d'Alvim. Bem, mas afinal aquilo não dava, não tinha consequência nenhuma. Eu escrevia e a coisa ficava por isso mesmo. E então eu passei a explorar o Rio através da

revista *Para Todos*, de administração brasileira. Mandava artigos com a mesma falta de senso.

MZ *O interessante é que já causam os seus artigos, logo de início, uma resposta. Até um artigo de Lincoln de Souza...*

CDA O Lincoln de Souza era meu amigo, meu companheiro de quarto numa pensão, sabe? Esse rapaz tem um dos aspectos mais brilhantes da... biografia dele porque ele foi quase noivo da Cecília Meireles. Eles se correspondiam, quase que diariamente. Ele era empregado da Estrada de Ferro Oeste de Minas que depois passou a se chamar Rede Viação Sul Mineira. Ele lia as cartas, ele não mostrava pra gente não. Mostrava o envelope com muito orgulho... A Cecília não era muito conhecida, mas já tinha um certo nome e... não deu em nada, porque realmente, ele não estava em condições de se casar com ela, e parece que não se daria bem com ela não. Era um temperamento muito nervoso, muito agitado... Bem, mas aí, eu comecei a colaborar, não só no *Diário* como também na *Para Todos*. Me davam muito destaque, me tratavam muito bem e tal. Mas a vida exigia de mim uma definição prática. O pai me sustentava, eu não trabalhava, eu era vadio, e não ganhava nada. Então fui pro interior. Formei-me em Farmácia. Não tendo nenhuma vocação para isso, fui para o interior para ser fazendeiro. No primeiro dia que eu levei minha mulher para a fazenda, ela adoeceu, ficou tão horrorizada de ver aquela vida de fazenda que voltou para a cidade, manifestando sintomas de uma coisa que naquele tempo se chamava gravidez extrauterina, que hoje se chama gravidez tubária. Foi um processo mental dela, psicológico. Eu corro com ela para a cidade, para se livrar daquilo. Ela foi transportada para Belo Horizonte. Nasceu o nosso primeiro filho que morreu meia hora depois de nascido. Um parto difícil, muito complicado. Verifiquei que eu também não dava para fazenda, embora meus pais, meus avós, meus bisavós fossem fazendeiros, eu não era capaz de dizer o nome, a cor de um cavalo, se era baio, se era alazão. Era completamente ignorante... não gostava da vida de fazenda. Hoje eu tenho uma tristeza enorme de não ter me familiarizado... E então meu irmão me arranjou um lugar de professor de geografia,

num ginásio de Itabira. Até que afinal houve uma mudança de governo em Minas, e subiu o presidente Antônio Carlos. Um amigo meu da boemia de Belo Horizonte, Alberto Campos, que era irmão do Francisco Campos, mandou um telegrama dizendo que me arranjava um lugar no *Diário de Minas*, porque tinha mudado a direção. Então eu voltei e tive o meu primeiro trabalho profissional em Belo Horizonte, como jornalista. Pude, então, graças à diferença de governo, fazer no jornal um movimento modernista que o governo tolerava porque não se interessava por literatura. O governo só se preocupava com a política. Nós tínhamos desenvolvido assim, uma linha muito rigorosa em matéria de política e em literatura, nós podíamos fazer o que quiséssemos. Eu tive a sorte de trabalhar lá com Emílio Moura — meu amigo fraterno —, João Alphonsus, depois com Cyro dos Anjos; de modo que nós formávamos uma curriola muito divertida e nós brincávamos muito, inventávamos pseudônimos. Afonso Arinos também apareceu lá. Era um grupo muito simpático.

MZ *Só que esta é uma época posterior à que estou estudando. Eu estudei o grupo antes.*

CDA Formei-me em Farmácia, embora eu fosse um péssimo aluno, e nunca me interessei por farmácia. Formei-me em 1925 e em 26 fui para Itabira, e no fim do ano voltei para Belo Horizonte.

MZ *Agora, nas entrevistas dos seus contemporâneos, dos outros modernistas, eles falam numa liderança sua, indiscutível.*

CDA Como é seu nome mesmo?

MZ *Maria Zilda.*

CDA Nome daquela atriz de televisão, não é? Maria Zilda, essa minha liderança, eu não levo muito a sério, não.

MZ *Mas o interessante é que quando a gente analisa o material do jornal, a gente vê uma postura crítica, uma postura nos artigos que você escreve sobre os livros que saem do Modernismo — sobre “Os condenados”, de Oswald, por exemplo. Realmente, uma postura muito equilibrada.*

CDA Eu era o menos informado, o mais inculto dos rapazes de Minas e, ao mesmo tempo, era o mais audacioso. A nossa roda era realmente maravilhosa. Nunca mais em Minas Gerais aconteceu um fenômeno como esse... Uma roda em que estavam juntos Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Pedro Nava, Cyro dos Anjos. Era a melhor gente de Minas. Todos eles estudiosos. Eles trabalhavam, e eu era vadio, namorador, não levava a vida a sério. Então, como eu não tinha nada para fazer, eu tinha uma atividade literária maior que a deles. Porque o Milton Campos, por exemplo, saía de casa, ia depois do almoço trabalhar no Tribunal de Justiça; o Abgar Renault, ia trabalhar na Estrada de Ferro Oeste de Minas; o Emílio Moura era pobre, e acho que ele não tinha emprego. De modo que eu era o mais vadio deles todos. Daí o fato de eu ter uma atividade literária mais intensa, porque eu tinha dois pólos na vida: a literatura e o namoro, compreendeu? Era o que eu fazia. Então deu essa impressão de que eu era líder pelo fato de que eu me aplicava mais a estas coisas. Mas nenhum desses rapazes aceitaria uma liderança minha. Nós éramos muito cordiais, muito camaradas, ninguém queria saber de ser chefe dos outros, nem de ser chefiado. Pelo contrário, havia um espírito de fraternidade muito grande. Eu acho que isso é um pouco imaginário, essa liderança, compreendeu?

MZ *Mas o fato é que eles, nos depoimentos, falam...*

CDA Se houvesse líder, seria o Milton, que era mais livre que nós, era um pouquinho mais velho, um ou dois anos. Ele é que me informava sobre os escritores franceses que ele estava lendo, sobre o Anatole France, Remy de Gourmont, sobre os poetas franceses, etc. Então a gente se fiava no julgamento do Milton e comprava os livros, comprava, ou pedia emprestado porque a gente era muito pobre. Quer dizer que ele é que dava a orientação. O Abgar Renault, com 18 ou 19 anos, fazia sonetos de estilo camoniano, perfeitos. Ele tinha um conhecimento da língua portuguesa que nenhum de nós tinha. Como é que eles podiam ser liderados por mim? Não podia. Numa ocasião, eu já contei isso numa entrevista, eu me meti a fazer um soneto. Todo mundo fazia soneto, por que eu não

ia fazer? À noite nós nos encontrávamos no café, uma coisa que a geração de vocês não conheceu. Para se ter uma idéia, a gente ficava horas sentados naquelas mesinhas de mármore tomando café ou uma média com pão e manteiga, um café com leite com pão e manteiga ou senão, quando tinha um pouco mais de dinheiro, uma garrafa de cerveja. Cerveja era glacê ou frapê: glacê quando era muito gelada; frapê quando era menos. Então a gente ficava ali horas e horas, gastava muito pouco e os garçons respeitavam a gente, ninguém ficava nos acotovelando para sair da mesa. Era um outro tempo, um outro estado de espírito, outra maneira de viver... Então, essa noite eu fiz o meu sonetinho e quando nós nos reunimos, saquei do bolso do paletó e mostrei para meus amigos. E eu me lembro que o Milton leu e fez assim e passou para o Abgar. Abgar leu, João Alphonsus, os outros a mesma coisa. Quer dizer, o Milton, o Abgar nenhum deles tinha gostado. Então eles foram bastante piedosos para não dizer que estava uma droga. Mas eu senti que não sabia fazer. Talvez, até esse fato tenha contribuído para eu me aplicar ao verso livre, naquela divina ignorância, supondo que o verso livre não tinha regras, não tinha ritmos, não tinha organização, estrutura... Então eu passei a me aplicar ao verso livre porque eu não sabia o que era o verso metrificado, não sabia o que era aliteração, o que era assonância, não sabia nada disso. Fazia tudo de ouvido e era muito ignorante. Agora, eu era muito esperto, isso sim, era mais esperto que inteligente. Eu pegava as coisas no ar e com isso tive sorte porque quando saiu meu primeiro livro, recebi uma medalha lá que era realmente uma coisa extraordinária. Um grupo de estudantes, já bacharéis formados, prestavam homenagem a um poeta mineiro, irresponsável como eu, me ofereceram um banquete no Automóvel Clube de Belo Horizonte, a glória. Eu fiquei completamente glorioso...

MZ *Agora, como é que a produção de vocês do grupo todo, a sua, como é que se transava a questão com o jornal. Havia alguma contradição no fato de "O Diário" ser um jornal extremamente conservador, não é?*

CDA Exato.

MZ *Reacionário mesmo, em alguns aspectos. Por exemplo: a despeito de Belo Horizonte não ter industrialização significativa à época, as notícias que vinham sobre as greves do Rio, eram sempre antianarquistas, antioperárias, mas de uma forma muito ferrenha. Não havia algum tipo de contradição em vocês estarem contribuindo num jornal assim?*

CDA A razão principal da coexistência de dois espíritos — um revolucionário em sentido literário e um espírito conservador e mesmo reacionário, era o fato de que o jornal não tinha nenhuma circulação, era um jornal praticamente inexistente, e o governo não ligava. O que era importante em Minas era o *Minas Gerais*, o diário oficial do governo do Estado, que não tinha opinião literária. Mas o jornal subsistia, não se sabe bem porquê, com grandes dificuldades. O governo dava muito pouco dinheiro para o jornal, então ele não era levado a sério. O governo controlava a única coisa que era importante, que era o noticiário político do *Diário de Minas*. Uma das pequenas coisas que caracterizavam esse interesse era o seguinte: nós tínhamos que noticiar o embarque e desembarque dos políticos do PRM. Naquele tempo eles todos viajavam de trem, o noturno mineiro. Tinha o rápido que saía pela manhã e o noturno que saía ao entardecer. Então ia um repórter para a estação central para tomar nota dos passageiros. Se nós disséssemos: “embarcou ontem para o Rio de Janeiro o deputado fulano de tal”, era apenas uma notícia, não tinha esse deputado a menor importância. Agora, se disséssemos assim: “Hoje, cercado de amigos, embarcou para o Rio de Janeiro o ilustre deputado fulano de tal”, é porque esse homem estava com as boas graças do governo. Isso era muito controlado, a gente sabia quem é que estava prestigiado pelo governo, pelo doutor Mello Miranda ou pelo Dr. Antônio Carlos. Nós todos éramos informados disso, para não errar. Sendo aniversário de um senador ou deputado a notícia no jornal media a importância política que ele tinha no momento, se ele tinha direito a sair clichê ou não. Nós nem tínhamos oficina de gravura. Nós pedíamos clichê emprestado ao *Minas Gerais*, que era um jornal bem equipado.

MZ *Segundo o que me falou o Guilhermino César, quando estive com ele, agora há pouco tempo...*

CDA Onde?

MZ *Eu fui a Porto Alegre conversar com ele.*

CDA Foi lá?

MZ *Fui. Eu disse que o jornal funcionava como um termômetro mesmo, como um termômetro para que os chefes do interior pudessem saber quem é que estava gozando de prestígio.*

CDA Para você ter uma idéia de como o governo só nos controlava na parte política, eu vou lhe contar uma história: eu passei um período lá muito agitado, muito para mim penoso. Tendo saído o diretor do Jornal, o Magalhães Drummond, que era meu parente, mas que não era pessoa ligada a mim, eu entrei para o *Diário* como redator. Não pelas mãos dele, como podia parecer, ele sendo Drummond e eu também, e sim pelas mãos do Alberto Campos que era irmão do secretário de interior. Houve uma luta lá entre os dois jornais e aí resultou a saída do diretor Magalhães Drummond. Então, esse pobre diabo que era eu, assim sem nenhuma cobertura política, sem prestígio pessoal nenhum, fui obrigado a tomar conta do jornal durante alguns meses. Até que se nomeasse uma pessoa de confiança estrita do palácio, que era o doutor Moura Costa, que era amigo pessoal do presidente Antônio Carlos. Então eu era responsável por aquilo e mesmo quando o doutor Moura Costa assumiu, eu ainda fiquei, sem o título de diretor, mas com a responsabilidade da redação. Porque ele chegava às oito da noite, de fraque — ele andava sempre de fraque — e dizia: “Drummond, o quê que há de novo?” “Ah, isso aqui”. “Então toma cuidado, hein?” E ia embora. Ele ficava lá meia hora no máximo. Então eu carregava, era burro de carga. Nesse período, antes de entrar o Moura Costa, eu introduzi no jornal uma publicação de umas caricaturas e clichês que nos eram mandados graciosamente por uma agência de publicidade. Numa delas eu fiz uma sátira política a um adversário do governo. No dia seguinte eu recebi um cartão do doutor Mário de Lima, que era chefe do gabinete do presidente Antônio Carlos: “Prezado amigo Carlos Drummond, comunico que o presidente Antônio Carlos recomenda não publicar caricatura no jornal, que deve ter uma feição séria”. Olha o pito que eu levei! Af

eu calei a boca e meti o rabo entre as pernas, não quis saber de criar problemas. Outro momento em que tive dificuldades foi quando houve o caso Montes Claros, na campanha da Aliança Liberal em 1929 e 30. Doutor Mello Viana é que estava na oposição: nós éramos getulistas da Aliança Liberal e ele era a favor do Washington Luís. Então ele foi para Montes Claros fazer um comício e passando em frente à casa da dona Tiburtina houve um tiroteio, morreu um advogado e o pobre Mello Viana saiu ferido. Eles eram da oposição e a dona Tiburtina era nossa correligionária. Naquele dia eu já não trabalhava no *Diário*, trabalhava no *Minas Gerais*, para onde fui chamado para tomar parte... dirigir a parte política da campanha liberal. Nesse dia, o diretor do jornal, Abílio Machado, estava viajando e esse pobre diabo que era eu, encarregado de publicar a notícia do conflito, que era muito difícil redigir dada a política da época. Eu fiquei mofando horas e horas na sala do Palácio da Liberdade, à espera de que o doutor Antônio Carlos me desse um momento de atenção, para me orientar. Quando cheguei lá ele disse assim: "Drummond", (ele tinha uma voz assim engraçada) "como é que você vai redigir essa notícia?" Eu falei: "Senhor presidente... O tiroteio em Montes Claros..." "Não, diga assim: Os acontecimentos de Montes Claros..." Acontecimentos é uma coisa neutra, não é contra nem a favor. Achei uma coisa genial: os acontecimentos de Montes Claros... E não tomava partido, não era contra nem a favor. Morrera um advogado, a gente não podia atacá-lo: era um morto, mas também não podia tomar uma atitude favorável. Houve esse problema. Mas no *Diário de Minas*, então, era o seguinte: o governo não ligava absolutamente para o Modernismo. A gente praticava as maiores bobearias ou as maiores molecagens...

MZ *E não havia, por exemplo, no interior do grupo nenhum conflito por estar participando de um espaço assim? Num tipo de jornal assim?*

CDA Não, não havia, é como eu disse. Depois que as coisas passam é que a gente começa a configurar uma situação da qual, na realidade, nós não tínhamos consciência. Nós não sabíamos como é que nós estávamos fazendo um movimento literário.

A gente tinha uma tendência liberal e gostava de literatura, mas não havia uma pretensão de estar fazendo um movimento, assim uma escola. Não digo uma escola, mas um movimento coeso, organizado, com idéias próprias. Não. Cada um fazia aquilo que achava melhor, não tinha a menor preocupação, de modo que eu acho muita graça, aquilo que ficou histórico, sem que soubéssemos, é uma coisa engraçada...

MZ *Nota-se, nesse período que eu estou estudando — porque eu peguei justamente “A Revista” como um marco, e fui ver o que é que levaria àquilo lá, quer dizer, o caminho para aquilo —, uma certa ruptura com relação à crítica. O grupo de Minas era de uma tal forma atualizado, você principalmente, sobre o que se passava em São Paulo, no Rio, o que se publicava que é quase que imediata a crítica. Publicava-se e logo depois saía um comentário, quer dizer o verso ainda continua, ah... formalizado, há muito soneto ainda, há muita influência simbolista, muito grande.*

CDA Era o seguinte. Realmente, como eu disse, nós não tínhamos consciência plena de que estávamos fazendo um movimento de renovação literária. A nossa tendência era renovadora, nós fugíamos aos cânones clássicos, mas também não tínhamos um programa. Quando nós fundamos *A Revista*, recebemos um conselho muito sábio de Mário de Andrade. Esse conselho, aliás, combinava com a própria situação, com o próprio ambiente literário de Minas Gerais, que era o seguinte: “Você deve fazer uma revista compósita, uma revista misturada, em que o novo se misture com o velho”. Então nós publicamos lá, por exemplo, um trabalho de doutor Orozimbo Nonato, um advogado muito conceituado, muito simpático, que depois foi ministro do Supremo Tribunal. Ele escrevia em linguagem quinhentista. Numa revista moderna isto mostrava as contradições internas. E mesmo porque se nós tentássemos fazer uma revista exclusivamente modernista nós não conseguiríamos, o nosso grupo não era bastante forte, nem numeroso para fazer uma revista de 40, 50 páginas só de um ponto de vista, de um ângulo modernista. Nós tínhamos que combinar pessoas, combinar nossos espíritos, nossas tendências com as

de outras pessoas que eram contrárias a nós e que nos toleravam, tinham boa vontade para conosco, compreendeu?

MZ *É o Mário mesmo fala: "Vã acostumando o leitor". Fala numa das cartas que se misture o tradicional ao moderno. Agora, nos seus trabalhos críticos no "Diário de Minas", já nessa época de 20, 25, muito de moderno, assim de uma agudeza de espírito. Segundo o Guilbermino César é porque você já nasceu moderno. Ele diz — usou essa expressão textualmente: "O Carlos é um trabalhador louco, já nasceu moderno".*

CDA Isso é um pouco de generosidade da parte dele. Olha, se há uma pessoa que conhece bem suas limitações sou eu. É preciso ver o seguinte: eu não tive formação escolar, eu fui um estudante vadio. Depois que fui expulso de um colégio de Friburgo, a minha vida mudou muito. Eu me senti assim oprimido, esmagado por uma injustiça muito grande. Isso psicologicamente influenciou muito na minha vida. Eu, de bom estudante que era, passei a ser um mau estudante, um vadio, um irresponsável. E saindo da disciplina, do jugo de um colégio interno, durante dois anos, passei para a vida livre de Belo Horizonte, vida de pensão, de estudante, boemia toda noite, ia cear ou visitar o cabaré, aquelas coisas de Belo Horizonte dos anos 20. Eu não tive uma base escolar, uma base de conhecimentos que me permitisse dizer realmente: eu sou um escritor. Nada disso. Eu fui mais uma pessoa. Além do mais tendo outras circunstâncias, problemas meus de comunicação, problema de timidez, problema de dificuldade de expressão, de contato social, de freqüentar reuniões, festas, me fechando em copas como um caramujo. Então eu tinha que encontrar uma maneira qualquer de respirar, comecei a escrever. Se eu fosse um literato programado, eu faria estudos regulares de línguas, de literatura comparada e me especializaria numa coisa qualquer, um gênero. Eu escolhi a poesia, porque acho que é o veículo literário que permite mais diretamente a expressão da emoção e a autoconfissão. Minha poesia é confessional.

MZ *Agora, como é que vocês entravam em contato com as publicações de outros centros, porque são quase simultâneas à publicação e à crítica no Diário.*

CDA Mas a crítica era feita pelo Afonso Arinos.

MZ *Suas também: do livro de Ronald, do Mário de Andrade, do Oswald. Fazia-se por intermédio de outras? Não sei se tinham contato com a "Klaxon", por exemplo. Lia-se outras revistas modernistas?*

CDA Havia uma livraria muito boa lá em Belo Horizonte, que era a Livraria Alves na rua da Bahia. Era uma grande livraria. Depois apareceu a de um português, Livraria Moraes, na avenida Afonso Pena. Mas, então, éramos freqüentadores das livrarias e assistíamos às famosas aberturas dos caixotes das novidades, a gente disputava aquilo. Me lembro que o Chico Negrão era apaixonado pelo Romeu Rolland. Ele arrematou logo as obras completas do Romeu Rolland. O Milton era o Remy de Gourmont e assim outros. Então a gente comprava aquilo, lia o jornal do Rio e o de São Paulo lia menos porque o único que aparecia lá, *O Estadão*, o *Estado de São Paulo* que não era muito simpático ao Modernismo. Nós vivíamos ao lado do Rio e procurávamos nos informar sobre o movimento literário, de modo que isso fazia com que estivessemos mais ou menos em dia com as coisas. E a vida literária do Brasil, naquele tempo, era pequena, não tinha essa diversidade que há hoje, não tinha essa diversidade dos cursos de Letras. O próprio Rio de Janeiro era uma cidade bastante provinciana. Depois que eu mudei para o Rio, é que começaram a aparecer as galerias de arte. Quando eu vim pra cá só havia uma ou duas. Eram mais pontos onde se reuniam pintores e escultores que se reuniam para conversar fiado, eram casas de tinta para pintor, coisas assim. Hoje em dia o Rio de Janeiro tem umas 50 galerias de arte, uma infinidade de cursos de Letras, uma infinidade de cursos avulsos, conferências, etc. Um ambiente cultural que é muito mais rico, muito mais poderoso, embora eu tenha impressão que, curiosamente, que o número maior de oportunidades culturais, não seja correspondido por um número maior de criações culturais. É engraçado isso.

MZ *Esse problema do desenvolvimento urbano no jornal da época é interessante de se observar. Ao mesmo tempo que*

se queixa — o jornal, os próprios participantes, um artigo seu mesmo — a respeito do provincianismo de Belo Horizonte, há um desejo de afirmar que Belo Horizonte não era mais provinciana. Na época, havia essa coisa contraditória da afirmação do urbano...

CDA Nós éramos muito vítimas da organização social de Belo Horizonte, uma organização muito rígida, muito rigorosa. O próprio Cyro dos Anjos nas suas memórias, *Meninos e sobrados*, dá uma idéia perfeita disso. O estudante do interior vindo para Belo Horizonte para freqüentar contra ele enorme [sic]. O rapaz queria situar-se socialmente, queria conhecer moças, freqüentar casas e se não tivesse lá dois ou três parentes, em cuja casa ele fosse recebido, estava perdido, porque as famílias se fechavam. Nenhuma moça se aproximava de um rapaz sem conhecer plenamente, sem saber que ele era uma pessoa boa, correta, de bons costumes. A família velava, toda família velava. Principalmente os irmãos. A idéia que tinha do irmão de bengala, impedindo o namoro... Há um caso famoso lá. Uma moça linda, que foi rainha dos estudantes, estava dando uma festinha em casa dela. A certa altura teve um incidente com o namorado, ela começou a chorar. Então o irmão foi tomar satisfação com o rapaz, que fugiu, desceu escadas abaixo, e o irmão atrás com uma bengala, para bater nele. Então uma coisa que não tinha nada a ver, uma coisa íntima de namorados, uma bobagem sem importância nenhuma... Havia um *footing* na Praça da Liberdade, naquela alameda em frente ao Palácio. Ficavam os rapazes em pé, assim, em pé na relva, no jardim e as moças desfilando pra lá e pra cá, com suas mães ou pais. A gente ficava de olho, piscava olho, brincava assim com o maior respeito. Não podia se aproximar. Sem se conhecer, jamais um rapaz abordaria uma moça ou uma moça abordaria um rapaz. Hoje em dia tão normal a relação, ninguém está ligando para isso. Naquele tempo era tabu.

MZ *Há até no jornal o comentário de que as senhoras não aplaudiam nos teatros.*

CDA É, não era distinto, não se podia fazer. Era uma vida muito chata, sabe? Apesar disso chego a sentir saudades, sabe por

quê? A gente tem saudade é do tempo passado, não é das coisas em si, é do fato de ter sido jovem. Uma coisa tão maravilhosa a gente ter sido jovem... A gente só verifica isso depois que passou, antes não se dá conta não...

MZ *E a questão que a gente vê nessa época, quase que um percurso dessa palavra: futurismo? A gente vê desde lá de 20, quando aparece a primeira vez, mas há muita oscilação, é uma palavra difícil.*

CDA Nós repudiávamos o conceito de futurismo porque levávamos muito a sério a opinião de Mário de Andrade. E de fato o movimento modernista brasileiro confunde-se sob certos aspectos com o futurismo. Mas a gente toma logo uma atitude muito nítida de repúdio ao futurismo, tanto assim que, quando Marinetti chegou ao Brasil, foi muito mal recebido. O Mário de Andrade não quis dar confiança a ele. E depois o futurismo a essa altura já estava contaminado com o fascismo, e isso era uma separação muito grande da nossa tendência de renovação literária que nos conduzia para a esquerda, a não ser um grupo paulista que ficou conservador: do Cassiano, do Menotti, mas pode-se dizer que a dominante política do pensamento modernista era um pensamento de esquerda.

MZ *Agora, nos próprios artigos de vocês a gente vê como oscila o significado da palavra. Há vezes que se a enaltece, há outras que não. Há um artigo seu que diz que em Minas dorme-se modernista, que é uma coisa e acorda-se futurista ou escravo do Marinetti, pondo justamente um sentido crítico ao termo que era usado indiscriminadamente para carimbar os renovadores, não é? E como foi a visita de Antônio Ferro em Belo Horizonte?*

CDA Antônio Ferro foi lá em Belo Horizonte assessorado pelo livreiro, o Antônio Pinto de Moraes. O Moraes era casado com uma portuguesa, e foi um casamento que chamou muita atenção em Belo Horizonte, porque foi feito por procuração e isso era muito raro. Ela estava em Portugal e ele no Brasil. Antônio Ferro era um modernista muito discutido. Não tinha a profundidade do Fernando Pessoa, de quem era amigo e cuja existência nós ignorávamos completamente. Me lembro de Antônio Ferro

no Teatro Municipal, fazendo uma conferência. Ele levou um bumbo. Então, a uma certa hora, ele batia no bumbo e dizia: "A minha época sou eu". Mas eu não levo muito a sério, não. Ele era modernista, e eu também me julgava modernista. Então havia um movimento natural de aproximação. Mas o que nos encantava mais era a mulher do Antônio Ferro, Fernanda. Estavam recém-casados e parece que a viagem deles ao Brasil foi uma viagem de lua-de-mel.

MZ *Estiveram no Nordeste...*

CDA Ela era muito bonita, era escritora, acho que morreu há alguns anos atrás... Gordo, já, moço, mas já gordo, barrigudo assim, com aquele sotaque português fazia a gente rir.

MZ *O artigo seu sobre ele é muito elogioso, na época.*

CDA É aquela lua-de-mel como tudo que fosse tendência anticonservadora, mas na realidade ele não tinha maior substância não.

MZ *E não foi marcante, não?*

CDA Ele foi embora e nunca mais tivemos notícias. Não se correspondia conosco. Ao contrário do Mário de Andrade que, estando lá em 1924, causou a mais profunda impressão em todos nós e acho que foi um elemento detonante para a nossa formação. Nos impulsionou muito, porque a partir de então estabeleceu aquela correspondência comigo, com Martins de Almeida; com os outros não. Eles tinham outras coisas que fazer, não escreviam tanto, ao passo que eu era o vagabundo. Era carta pra lá, carta pra cá. Isso marcou muito a mim, ao Martins de Almeida e ao Pedro Nava, que nós correspondíamos com ele, e João Alphonsus também, que era mais briguento, discutiu com Mário de Andrade, discutiu com Manoel Bandeira. Nós tínhamos uma atitude mais respeitosa com o Mário de Andrade.

MZ *Essa atualização do grupo mineiro com o que se publicava no Rio e São Paulo dá muito a idéia de ligação dos grupos, como um grande grupo modernista brasileiro. Mas o que, nesse sentido, daria uma feição própria ao grupo mineiro? O que marcaria o grupo mineiro modernista?*

CDA Não acho muita facilidade de explicar, não. Como disse a você, nós não éramos um grupo consciente, no sentido de exercer uma ação literária renovadora. Nossas tendências eram renovadoras, ou antes, eram mais até de insatisfação com o que existia. Mas nós não tínhamos um núcleo, um pensamento orientador, as nossas tentativas eram mais para São Paulo, porque na realidade o Mário de Andrade e o Oswald de Andrade, nos davam mais confiança, e no Rio tínhamos mais ligação com o Ronald Carvalho, que também tinha uma certa gentileza, era uma pessoa mais cordial. Não mantínhamos correspondência com o Ronald, hoje eu não tenho mais arquivo, eu doei meu arquivo para a Casa do Rui Barbosa. Mas do Ronald Carvalho eu consegui apenas um cartão mandando uma colaboração para *A Revista*. A Graça Aranha não ousávamos pedir nada, porque estávamos muito solidarizados com o Mário de Andrade que tinha brigado com ele. Manoel Bandeira era uma pessoa assim, muito distante, doente, levava uma vida quase que monástica, a gente então não queria incomodá-lo; mesmo assim, nos aproximamos dele e ele mandou uma colaboração para *A Revista*. Então eu acho que fundamentalmente era esse eixozinho, Belo Horizonte-São Paulo. E até lá que tinha a orientação. A gente procurava ter contato com todo mundo, até em outros Estados, com Godofredo Filho, na Bahia, Augusto Maia, em Porto Alegre, mas o núcleo mesmo era São Paulo.

MZ *E a questão do regionalismo como é que vocês viram? Há muitos artigos no "Diário de Minas", na própria "A Revista", tocando nesse ponto: nacionalismo, regionalismo.*

CDA A nossa tendência era no sentido de valorizar o conceito de nacionalismo, mas acredito que tenha sido influência do Mário, mas nós não assimilamos bem. Eu não assimilei bem o conceito nacionalista do Mário. Ele era nacionalista por amor ao Brasil, ele dizia assim: "Olha, como nasci no Brasil, eu sou brasileiro e me interesso pelas coisas de outros países". Ele procurava fixar o seu interesse, a sua pesquisa, o seu conhecimento nas coisas brasileiras, porque realmente, até então, o Brasil era pouco conhecido de si mesmo. E o que se fazia em

matéria de conhecimentos do Brasil entre nós, era mais de caráter regionalista, eram as críticas de Monteiro Lobato — Jeca Tatu — Cornélio Pires, Valdomiro Silveira. Em Minas Gerais, qual era o escritor mineiro regionalista?

MZ *O Arinos, não?*

CDA É, o Afonso Arinos. Então, nós tínhamos uma tendência mais universalista, muito imbuídos de literatura francesa, a gente fazia um certo esforço no sentido de repudiar essa influência, para se concentrar num namoro com as coisas brasileiras. Mas, na realidade, eu acho que daí não resultou nenhum produto literário mineiro, conscientemente nacionalista. Eu fiz um grande artigo no *O Jornal*, ao tempo do Rodrigo Mello Franco de Andrade, sobre o nacionalismo. Não tenho esse artigo, não posso lembrar quais são as besteiras que escrevi nele. Deviam ser besteiras, porque era um conhecimento precário das coisas, era uma formação muito precária a que eu tinha, uma informação moral, sociológica, histórica, não suficiente para definir o que é que nos interessava no Brasil. Então, no meu caso, particularmente, era isso, atender a uma expressão nova, pouco importa como. Da leitura baseada nos franceses, evidentemente, não resultaria conhecimento maior de Brasil, não é?

MZ *É, mas a gente percebe num artigo seu, outro do Martins de Almeida, essa crítica ao regionalismo, como uma coisa rasteira, e parece um traço mesmo do grupo.*

CDA Mas Martins de Almeida é diferente. Esse, aí é diferente, realmente. Porque acredito que do nosso grupo, um grupo mais moço — eu, Cyro, Guilhermino — ele era talvez o que tinha mais o espírito crítico. Tanto assim que a primeira crítica de apresentação de *A Revista* foi feita por mim. Uma bobagem, assim superficial. Já na segunda, a intenção era corrigir a primeira. Eu falei para os céticos e ele para os espíritos criadores. Foi uma pena o Almeida não ter se dedicado à crítica durante a vida. Ele se dedicou à advocacia, depois à política, onde aliás não se destacou. Foi uma pena! De todos nós, acho que ele era o mais preparado para fazer um trabalho de crítica, de pensamento da realidade brasileira.

MZ *E por que essa demora grande do grupo em publicar um livro? Por que todos vocês escreviam há muito tempo...*

CDA Puxa vida, não ficava bem. Eu publiquei o meu livro na Imprensa Oficial porque era redator do *Minas Gerais*. Então consegui lá do diretor Abílio Machado, que era um santo homem, publicar a crédito e ir pagando aquilo aos poucos. Eu pegava dez exemplares do livro ou cinco e levava para a Livraria e Papelaria Oliveira e Costa e deixava lá. À medida que era vendido eu recebia um dinheirinho e pagava a Imprensa Oficial. Naquele tempo não havia essa boca livre da Imprensa Oficial dar prêmios e publicar os livros de graça. Não, absolutamente.

MZ *Conversando com o Guilhermino, ele dizia o seguinte: "O mineiro é muito recatado..."*

CDA Eu era até muito assanhado. Apesar de tímido, eu era assanhado, queria muito aparecer. Quando se publicava uma coisa sobre meu livro — eu trabalhava no *Minas Gerais* — eu transcrevia todos os elogios. Uma coisa que depois eu fiquei com uma vergonha enorme. Mas publicava tanto os elogios quanto os ataques. Publiquei uma descompostura que o Albuquerque fez em mim que era uma coisa muito importante, membro da Academia Brasileira de Letras. Ele dizia que o livro não tinha nenhuma poesia, tinha alguma tipografia. Foi feito pelo Frieiro que tinha sido nosso adversário depois ficou nosso camarada. Então o livro era muito bem feito, sabe? Paulo Prado mandava um cartão elogiando o meu livro, eu publicava o cartão no *Minas Gerais*. Era uma coisa até escandalosa de minha parte, eu não sei como é que... onde é que eu estava com a cabeça para fazer aquelas bobagens.

MZ *E o Abgar Renault, num dos artigos no "Diário de Minas", fala de três livros seus que eu não sei se permaneceram inéditos, ou se depois você reaproveitou de alguma forma em outros livros. Eram "Teia de aranha", "Preguiça" e "Os poemas" da triste alegria.*

CDA *Teia de aranha* era um livro pequenininho. Mande para o Lincoln de Souza que já morava no Rio. E ele era ligado aos intelectuais que freqüentavam a Livraria Freitas Bastos.

Naquele tempo chamava-se Leite Ribeiro. Então lá ele encontrou o Ronald de Carvalho e viu se ele conseguia a publicação em alguma editora. O Ronald sumiu com o livro e eu dei graças a Deus.

MZ *Não tinha cópia?*

CDA Tinha. Era coisa publicada em jornais, reunidas, de modo que perdeu-se o livro, mas as coisas ficaram. O outro chama-se *Poemas da triste alegria*. Minha mulher, minha noiva nesse tempo, trabalhava em um escritório. Foi a primeira mulher em Minas Gerais que trabalhou em escritório. Era uma moça muito pobre, precisava ganhar a vida, fez o curso na Escola Normal, hoje é Instituto de Educação. Então havia lá uma fábrica de calçados, e ela foi chefiar a secretaria. Batia à máquina bem. Então bateu os meus poemas e fez um livrinho com eles, que foi encadernado. Um exemplar do livro. Eu dei esse exemplar ao Rodrigo Mello Franco, como camaradagem, e depois alguém lhe pediu para ver, pediu o livro e esse livro sumiu. Não me lembro mais quem tinha... Um exemplar datilografado. O terceiro não me lembro bem, como é que se chamava?

MZ *"Preguiça".*

CDA *Preguiça*. Esse daí nem chegou a ser organizado. Era aquele sonho de rapaz... A gente anuncia muitos livros, vai publicar e às vezes não escreve nenhum deles, fica só nos títulos.

MZ *E esse estudo dessa sua produção inicial? Fica-lhe dele algum incômodo, a gente ficar escarafunchando ou levantando esse material?*

CDA Hoje não. Sabe, minha filha, eu cheguei a uma idade tal que para mim poucas coisas têm importância. A gente vai se despojando da vida, vai verificando que tudo é aparência, é espuma e que as coisas realmente importantes são muito poucas na vida. Então, quando mais moço eu sofria um pouco por causa do meu amigo Afonso Arinos que foi meu colega no *Diário de Minas*. Mas depois, devido às reviravoltas políticas, ele ficou na oposição, e eu fiquei ligado ao governo através do Capanema. Então, no *Estado de Minas*, houve um

começo de luta política. Ele era irmão do Virgílio Mello Franco, candidato a interventor; o Capanema também era candidato. Eu fiquei do lado do Capanema, meu velho amigo de geração, de colégio. Ele um dia disse que se eu fizesse qualquer coisa no jornal do governo contrária ao Virgílio ele respondia no *Estado de Minas*, publicando três ou quatro dessas coisas minhas antigas. Isso já na década de 30 e com uma chamada de primeira página: “Publicamos hoje na página literária algumas produções do mavioso, beletrista...” Essas coisas... Com essas palavras ridículas... Nós éramos adversários políticos mas éramos bons amigos. Eu telefonei para ele e disse: “Olha Afonso, você fez isso, essa malandragem comigo, agora eu vou fazer a mesma coisa...” Ele disse: “Não, não faça isso, é brincadeira, etc.” E o Capanema até me chamou e disse: “Olha, não continua, porque não há interesse nenhum em aumentar a separação política, minha e do Virgílio”. Então eu calei a boca. Com isso o Afonso ganhou de mim. Era muito malandro. Ele, nas memórias, declara que eu o oprimia como redator do *Diário de Minas*, obrigava-o a trabalhar muito. Eu, João Alphonsus, Emílio Moura. O Afonso Arinos foi lá como filhinho do papai porque o pai dele era candidato à presidência do Estado, um homem ilustre. Então o Afonso foi pra lá para tratar dos pulmões, porque tinha ficado tuberculoso e logo arrumou lugar de promotor. Um lugar de promotor de Belo Horizonte, maior comarca de Minas Gerais, para um rapaz de vinte e poucos anos, mostrava bem o protecionismo. Agora, não contente com isso — porque o salário de promotor não dava — o Antônio Carlos arranjou pra ele um lugar de redator no *Diário de Minas*. O Afonso ficou tendo em relação a nós uma posição brilhantíssima, pobres diabos. Como ele era um rapaz muito inteligente, já culto, escrevia muito bem, então eu pedia para ele fazer as coisas de maior qualidade do jornal. Por exemplo, havia um aniversário de Tiradentes, então o estudo histórico de Tiradentes, era ele quem fazia. A crítica literária, uma coisa agradável, era ele quem fazia. Mas, coitado, ele foi lá pra tratar dos pulmões e se queixava que eu o oprimia... Não oprimia, não. Eu tinha

a responsabilidade do jornal como eu lhe falei. Eu é que, perante o diretor, respondia. Então eu tinha que fazer da melhor maneira que podia e ele era um dos melhores elementos. Mas sempre foi muito camarada. Acho graça dele. Até hoje ele se queixa disso. É o cúmulo! É, mandar é muito ruim, sabe, minha filha? Dirigir os outros é horrível. Tive essa sorte na vida, nunca tive chefe que mandasse em mim. Meus chefes eram meus amigos. Primeiro foi o Mário Casasanta. Era um homem encantador. Agora com o Mário eu nunca tive relação assim de senhor, não. Tratava de você. Era você pra cá, você pra lá, e ele não mandava, me tratava na maior cordialidade. Capanema, então, esse daí, eu acho, deve estar num lugar privilegiado no céu. Pela paciência dele, pelo menos comigo, porque eu era muito nervoso, agitado e às vezes impertinente, e ele me tratava com aquela paciência dele. Numa ocasião houve um incidente com o Lourenço Filho. Estava meio cansado, deprimido. Ele chegou no gabinete do Capanema e disse: "Ministro, eu não trabalho mais com o senhor enquanto o Drummond for seu chefe de gabinete porque ele está me devolvendo todos os processos e me submetendo à humilhação". Então, o Capanema me chamou e disse: "Ô Carlos, o Lourenço Filho está se queixando de você, dizendo que você o está perseguindo". Aí eu falei: "Não, doutor, não ministro. É que os processos vêm mal preparados, e eu sou obrigado a devolvê-los para que venham melhor. Acontece isso". Aí o Lourenço retrucou dizendo que não era verdade, não era bem assim, e eu retruquei dizendo que era verdade sim, e foi um bate-boca tão desagradável. Nós esquecíamos que estávamos diante do ministro. E cada hora xingando um ao outro. E aí, o Capanema, que era um santo homem, a uma certa altura viu que a coisa era demais. Deu um soco na mesa e disse: "Parem com isso". E nós todos verificamos, eu e o Lourenço, que não era possível. Então pedimos demissão, cada um foi para sua casa. O Capanema, no dia seguinte, mandou me chamar, "Já passou, deixa de bobagem". Chamou o doutor Lourenço, "Ô Lourenço, eu sei

que o senhor está cansado... vou tirá-lo dessa obrigação burocrática de registro...¹

MZ *Sobre sua determinação de não voltar a Belo Horizonte, seria um medo de se defrontar com as lembranças do passado?*

CDA Não volto para Itabira ou para Belo Horizonte. Para quê? Está tudo mudado. Colocaram tudo abaixo, destruíram nossas lembranças.

MZ *Seria um receio de se defrontar com as lembranças da mocidade?*

CDA O que mais posso esperar da vida? Eu não creio em Deus. Seria incoerência para Ele apelar no final da vida. Admiro a postura de Machado de Assis que não chamou ninguém, quando se defrontou com a morte. Essa idéia me acompanha.

MZ *A idéia da morte acompanha a nós todos...*

CDA Mas para uma jovem, como você, isso ocorre como possibilidade longínqua. Para um velho, como eu, é uma idéia que se coloca como algo presente.

¹ A partir desse momento, com o término da fita do gravador, e o encaminhamento da entrevista para o final, o registro da mesma foi feito por escrito.